

DESAFIOS DO IDOSO LGBTQIA+ NO BRASIL PANDÊMICO

LAUREN NICOLE GONÇALVES DUARTE¹;
ADRIANA PORTELLA²; LÍGIA CHIARELLI³

¹Universidade Federal de Pelotas – Inicoleduarte@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – adrianaportella@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – biloca.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Laboratório de Estudos Comportamentais, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel, trabalha desde 2016 no estudo da percepção das cidades pelos olhares e vivências dos idosos, a fim de compreender o impacto no processo de envelhecimento. Diante desse objetivo, o Projeto PlaceAge surgiu com o intuito de investigar como ocorre o envelhecimento de idosos de diferentes realidades socioeconômicas e culturais no Brasil, Reino Unido e Índia, para propor políticas públicas respaldadas pelo público alvo - a terceira idade. Atualmente, o projeto conta com três “subprojetos”, sendo o *PlaceAge-Covid* o mais recente, de 2021. Essa linha de trabalho pretende focar nas consequências ocasionadas pela pandemia do novo coronavírus, desde 2020, à população 60+.

Ao longo dos estudos desenvolvidos no ano de 2021, à continuidade do projeto PlaceAge, foi percebido que o tema “sexualidade na terceira idade” ainda é encarado como um grande tabu pela sociedade brasileira, sendo, assim, uma questão ainda pouco explorada abertamente. Por conseguinte, a ideia de idosos e idosas fazerem parte da comunidade LGBTQIA+¹, acaba sendo ainda mais incomum e absurda para alguns públicos. Desse modo, o presente trabalho é desenvolvido com o objetivo de investigar as percepções e vivências do idoso LGBTQIA+ no Brasil, apresentando as realidades dessas pessoas marginalizadas. Além disso, uma vez que a pandemia de Covid-19 intensificou as dificuldades vivenciadas pela comunidade citada, com aumento nos casos de violência - inclusive dentro de casa - e de psicopatologias, este estudo discute o impacto da pandemia na população idosa LGBTQIA+ no Brasil atual.

Para a fundamentação da proposta apresentada, HENNING (2017), SALGADO (2017), NAPHY (2006), e DIETER (2012) foram os autores consultados, a fim de respaldar os resultados aqui apresentados.

2. METODOLOGIA

O conteúdo a ser apresentado se deu como pesquisa qualitativa com abordagem teórica exploratória, elaborada a partir de referenciais bibliográficos. DIETER (2012) e NAPHY (2006) foram autores que possibilitaram um maior entendimento sobre a questão LGBTQIA+, e respaldam os demais materiais utilizados na pesquisa. HENNING (2017) e SALGADO (2017), por sua vez, trazem o envelhecimento e o idoso como foco dentro da comunidade LGBT. Além deles, a publicação encontrada no site do Ministério da Saúde (BRASIL, 2021): ‘Pandemia, LGBTfobia e os impactos das negligências do Estado para esta

¹ Acrônimo para *Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros (Travestis, Transexuais, Não-binários, e Crossdressers), Queer, Intersexuais, Assexuais e Agêneros*, e as demais variações de orientação e de gênero.

população’, apresentou apontamentos sobre o descaso em relação à saúde dos LGBTs em meio a pandemia. Assim, a associação de tais referenciais permitiu o desenvolvimento da reflexão crítica a seguir; bem como contribuiu às publicações das redes sociais do PlaceAge, local de divulgação sobre assuntos importantes sobre o envelhecimento, incluindo questões de sexualidade e de gênero.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Há apenas 28 anos, em 1993, a homossexualidade deixava de ser considerada pela Organização Mundial da Saúde um desvio mental, na lista de “Doenças e Problemas Relacionados à Saúde”. A transsexualidade, contudo, apenas deixou de fazer parte da lista, oficialmente, no ano de 2019 - somente dois anos atrás. Não se sabe ao certo a partir de qual momento na história o relacionamento homoafetivo passou de algo normalizado e praticado livremente para um problema de saúde. Principalmente, se pensado que a homossexualidade acompanha a sociedade há milênios (DIETER, 2012), havendo, inclusive, informações apontando que importantes personagens, como Júlio César (111-44 a.C.) e Maria Antonieta (1755-1793), não eram heterossexuais, mas, sim, *bissexuais* (NAPHY, 2006).

No Brasil, país conhecido internacionalmente por possuir os maiores índices de mortalidade de pessoas *trans* no mundo, a liberdade sexual ainda caminha aos tropeços. Em meio a discursos de ódio, violências e casos de homofobia, a comunidade LGBTQIA+ mantém sua luta, sendo resistência diante de situações desumanas. A ideia de que ser LGBT é “moda”, como afirmado em um texto escrito para o site Extra, em 2012, cujo título é: “É modinha ser homossexual”, acaba por invisibilizar e por excluir a população homossexual acima de 60 anos.

SALGADO (2017) define que, com o aumento da população 60+ no Brasil, paralelamente, também crescerá a quantidade de idosos LGBTQIA+. Fato que pode ser impactante a algumas pessoas, uma vez que a sociedade brasileira é acostumada a enxergar o idoso como assexual e infantilizá-lo. Mas a verdade é que a sexualidade não some ou se altera com a velhice; o que pode acontecer com quem é LGBT, por vezes, é a ‘volta para o armário’, por medo da homofobia.

A população idosa homossexual é excluída e marginalizada pela própria família muitas vezes. Um texto escrito para o Jornal Estadão, intitulado “Solidão afeta idosos LGBT”, traz falas extremamente pesadas, que explicitam a dificuldade vivenciada por essas pessoas dentro de casa. Uma das entrevistadas, Noemia Serqueira, de 61 anos, fugiu para São Paulo porque, aos 18 anos, foi prometida em casamento, por sua família, a fim de ‘curá-lá’ da homossexualidade. Infelizmente, muitos, assim como Noemia, saem de casa - ou fugindo, ou por serem expulsas pelos familiares - e encontram pouco amparo na sociedade.

O processo de envelhecimento, enquanto homossexual, não é o mesmo de pessoas heteronormativas. HENNING (2017) afirmou que os dados sobre ‘envelhecimentos heterossexuais’ são insuficientes para compreender as vivências da velhice de pessoas que não se enquadram na heterocisnormatividade. Além disso, ele traz que estudos sobre tal temática apontam que a orientação sexual e as questões de gênero não são o que influencia nessa diferenciação entre velhices, mas, sim, as experiências homofóbicas, discriminatórias e as violências que essas pessoas vivenciaram ao longo do processo de envelhecimento. Diante disso, se percebe que as demandas dos idosos LGBTQIA+ são, geralmente, desconhecidas ou tratadas como irrelevantes.

“Muitos idosos LGBT vivem em situação de vulnerabilidade, por exemplo, no que diz respeito à saúde. (...) possuem necessidades particulares, especialmente no caso de idosos transexuais (Fernández-Rouco, Sánchez, & González, 2012) que têm mais dificuldade de acesso aos dispositivos de atenção à saúde (...), maior sofrimento psíquico e menor saúde física de modo geral.”(SALGADO, 2017, pág. 164)

Em meio a pandemia do novo coronavírus, a população LGBTQIA+ passou a enfrentar um agravamento de situações homofóbicas no seu cotidiano; muito devido à necessidade de retorno à casa de familiares. De acordo com BRASIL (2021), travestis, transexuais e outras identidades vêm sofrendo violências intrafamiliares no Brasil pandêmico. Tal realidade não se restringe aos mais jovens. Os dados relativos a mortes, por Covid-19, de pessoas homossexuais ou transgênero não são acessíveis; nem sequer existem, segundo texto presente no site do Ministério da Saúde (BRASIL, 2021). Da mesma forma que informações sobre adoecimentos na quarentena de pessoas LGBT, não por coronavírus, são reportadas apenas quando grupos, como ONGs, decidem elaborar pesquisas independentes sobre o tema. O Estado não tem interesse no assunto. Sobre a população LGBTQIA+ de forma generalizada, quiçá haverão dados sobre os idosos da comunidade. O documento do Ministério da Saúde (2021) ainda aponta:

“De acordo com diagnóstico do Coletivo #VoteLGBT² entre 28 de abril a 15 de maio de 2020, houve piora na saúde mental em 42,72% dos mais de 10 mil entrevistados de todo o país como o principal impacto da pandemia para a população LGBT+. (...) 54% afirmou que precisa de apoio psicológico. (...). Sobre a população LGBT+, não encontramos a informação do número exato de adoecimentos e mortes pela Covid-19.”

A realidade do idoso LGBT, como visto, acaba sendo esquecida, e eles acabam incluídos no grande grupo heterocisnormativo; desse modo, o conhecimento acerca de suas reais demandas se mantém desconhecido. SALGADO (2017) reforça: “a ausência de conhecimento sobre essa população põe em risco o envelhecimento saudável dessas pessoas, cujas necessidades e experiências específicas permanecem, em grande parte, desconhecidas”.

“(...) é fundamental lançar um olhar diferenciado sobre a população LGBT no que diz respeito às necessidades específicas desse grupo, para que, dessa forma, possa ser oferecida, de fato, uma velhice bem-sucedida para esses idosos.” (SALGADO, 2017, pág. 164).

Nesse sentido, as redes sociais do PlaceAge atuam como fonte de divulgação sobre os assuntos previamente mencionados, dando visibilidade a temas esquecidos em demais pesquisas; como ‘sexualidade na terceira idade’ e ‘desafios de envelhecer como LGBT’ - publicações (ou *posts*) realizadas nas mídias sociais do projeto.

² Pesquisa realizada de forma independente.

4. CONCLUSÕES

O projeto PlaceAge, como grupo de pesquisa voltado à compreender o processo de envelhecimento, e, em especial – em sua nova frente de trabalho: o PlaceAge-Covid, é um instrumento importante para trazer temas e informações comumente esquecidas ou negligenciadas sobre sexualidade e questões LGBTQIA+ na terceira idade. A importância do questionamento sobre gênero e orientação sexual não pode ser desmemoriada quando idosos forem consultados em entrevistas e pesquisas, como o PlaceAge e PlaceAge-Covid; pois a ausência desse material acaba por estereotipar o idoso a partir da heterocisnormatividade, e garantir a manutenção da realidade atual.

Além disso, projetos e pesquisas científicas são os responsáveis, muitas vezes, pelas investigações mais pontuais e detalhadas sobre assuntos pertinentes à sociedade, e que não são de interesse imediato do Estado. Através desses materiais, é possível, como ocorreu com o PlaceAge, compreender as percepções dos idosos e, a partir dos dados analisados, desenvolver e propor políticas públicas que amparem as necessidades não supridas pela esfera pública brasileira. O PlaceAge-Covid, assim, tem papel importante na investigação de informações não usualmente acessíveis ao grande público sobre a realidade dos mais velhos frente à pandemia do novo coronavírus, tanto dos idosos heterossexuais e cisgênero, quanto dos pertencentes à comunidade LGBTQIA+.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **ARTIGO: Pandemia, LGBTfobia e os impactos das negligências do Estado para esta população.**

Brasília, DF, 02 de março de 2021. Acesso em 13 de julho de 2021. Online.

Disponível em:

<http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1640-artigo-pandemia-lgbtobia-e-os-impactos-das-negligencias-do-estado-para-esta-populacao>.

DIETER, C. T. **As raízes históricas da homossexualidade, os avanços no campo jurídico e o prisma constitucional.** IBDFAM [Internet], 2012. Acesso em 13 de julho de 2021. Disponível em: https://ibdfam.org.br/_img/artigos/As%20ra%C3%ADzes%20hist%C3%B3ricas%2012_04_2012.pdf.

HENNING, C. E. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. **Horizontes Antropológicos**, v. 23, p. 283-323, 2017.

MARQUES, A. **É modinha ser homossexual.** Extra. Editora Globo, 06 de setembro de 2012. Acesso em 13 de julho de 2021. Disponível em:

<https://extra.globo.com/noticias/seis-que-sabem/e-modinha-ser-homossexual-6017656.html>.

NAPHY, W. G. **Born to be gay: história da homossexualidade.** Edições 70, 2006.

SALGADO, A. T. et al. Velhice LGBT: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. **Ciências Psicológicas**, v. 11, n. 2, p. 155-163, 2017.

SOARES, B. **Solidão afeta idosos LGBT.** Infográficos Estadão. Acesso em 13 de julho de 2021. Disponível em:

<https://infograficos.estadao.com.br/focas/planeje-sua-vida/solidao-afeta-idosos-lgbt>.